

Module 3 Video Class 3: Interview with Megan Molteni 🇵🇹 (Portuguese)

Olá! Bem-vindos de volta aos vídeos do nosso curso "Jornalismo na pandemia: Cobertura da COVID-19 agora e no futuro". Estamos no Módulo 3, abordando as promessas e os problemas das vacinas contra o coronavírus, e dos tratamentos contra a COVID-19. Agora, vamos conversar com Megan Molteni, que é repórter da revista Wired e tem trabalhado na cobertura sobre vacinas e tratamentos. Megan, obrigada por participar deste curso.

Obrigado pelo convite, Maryn.

Para começar, você poderia explicar aos nossos 8.600 alunos, muitos dos quais podem não acompanhar a Wired, o que você faz na revista?

Com certeza. Agora, eu escrevo principalmente para o site Science Desk, fazendo reportagens quase que exclusivamente sobre a crise da COVID-19. Em tempos pré-pandêmicos, eu cobria uma editoria de biotecnologia mais ampla, com foco em tecnologias emergentes de DNA e privacidade genética. Mas, nos tempos atuais, o meu trabalho é escrever de duas a três histórias por semana para o site, tentando ajudar os leitores a entenderem todas as maneiras pelas quais a COVID-19 pode estar impactando suas vidas, e também cobrindo a ciência que está produzindo descobertas tanto do lado da vacina quanto do tratamento. Mas também sobre nossa compreensão geral da doença, como ela se transmite entre as pessoas, e o que faz dentro do corpo humano.

Eu acho que as pessoas que estão fazendo este curso estão em uma situação semelhante. Muitos deles podem nunca ter coberto saúde e ciência antes. E aqueles que já cobriam esses assuntos, mas foram deslocados para a cobertura da COVID em tempo integral. Você está nesta cobertura desde o início, em janeiro. De todas as histórias que você fez sobre vacinas e tratamentos, há alguma que chamou mais a sua atenção?

No início, eu estava muito hesitante em escrever sobre o desenvolvimento de vacinas. Especialmente, em janeiro, fevereiro, quando o surto ainda estava limitado à China. Não havia tanta coisa acontecendo em relação ao desenvolvimento de vacinas. Ainda não estava claro se iria se tornar uma pandemia global, que duraria tempo suficiente para justificar os bilhões de dólares e os muitos anos que seriam necessários para desenvolver uma vacina segura e eficaz. Então, inicialmente, eu fiquei fora disso. Mas, uma vez que ficou claro que seria necessário uma vacina como um passaporte de retorno a algo que se pareça um pouco mais com a vida normal...

Então, nós precisávamos escrever sobre tudo o que sabíamos sobre a ciência e o desenvolvimento de vacinas contra o coronavírus. Eu fui encarregada de escrever uma espécie de guia definitivo da Wired sobre os progressos no fronte da vacina. E era para ser uma espécie de introdução sobre a fabricação de vacinas. Naquela época, Anthony Fauci [um dos principais integrantes da força-tarefa da Casa Branca contra a COVID-19] estava indo à TV e dizendo que iria levar de 12 a 18 meses, pelo menos, para termos uma vacina. E muitas pessoas estavam ouvindo isso, mas sem ter certeza do porquê. Então, eu acho que a ideia era produzir uma matéria à qual alguém que estivesse se perguntando o porquê pudesse recorrer. Passando pela ciência sobre a vacina, pela cadeia de produção e fornecimento, pela economia do desenvolvimento de vacinas, que é realmente diferente dos tratamentos. Inicialmente, eu estava muito frustrada com esta tarefa, porque me parecia muito básico, o tipo de coisa que eu imaginei que todo mundo já sabia e que já tinha sido escrito à exaustão.

Mas, ao apurar sobre o assunto, eu acabei conversando com um pesquisador de vacinas chamado Peter Hotez, que desenvolveu uma vacina para SARS. Então eu soube que existe uma potencial dificuldade no desenvolvimento de vacinas contra coronavírus, relacionada à forma como o sistema imunológico de algumas pessoas responde a uma infecção pelo vírus, depois de terem sido vacinadas. Eu não tinha visto nenhuma cobertura sobre isso em nenhum lugar. E então eu fui a primeira a noticiar o potencial de aumento negativo da resposta imunológica no desenvolvimento de vacinas contra COVID-19. Do ponto de vista da reportagem, foi válido aparecer algo interessante, algo novo, que eu não conhecia. Quando a matéria saiu, foi uma loucura no site da revista, acho que estava dando 200 mil leituras por semana. E o CEO da nossa

editora, a Condé Nast, me mandou um e-mail - e foi a primeira vez que eu soube que ele era uma pessoa real, e não apenas um rosto na tela do computador - para dizer que estava compartilhando a matéria com todos da sua família. Então, eu acho que foi um aprendizado para mim de que é importante, de vez em quando, sair do seu próprio cérebro e pensar sobre as informações que não-cientistas e não-jornalistas realmente querem e precisam para entender o que está acontecendo durante esses tempos muito rápidos e confusos. Então, olhando para trás, para as matérias sobre vacinas, essa é que me marcou.

É uma grande matéria! É muito boa. E nós estamos recomendando a matéria como uma das leituras obrigatórias deste módulo. Mas estou curiosa para saber: já que você não tinha trabalhado muito nesse tema antes de tudo isso começar, já que esta é uma área nova para você, e já que esses tratamentos e vacinas ainda não existem, como você encontra fontes confiáveis sobre o assunto? Como você sabe quem é realmente uma boa pessoa para conversar, cujas informações valem ser transmitidas aos seus leitores?

É definitivamente complicado. Mas acho que uma das coisas que me ajudaram foi ter trabalhado nesta cobertura desde meados de janeiro. Então, logo no início, eu já estava me aproximando das pessoas que eu tinha identificado em muitos pre-prints que estavam sendo publicados online, e também mergulhando na literatura científica. E há alguns fóruns biológicos online pelos quais eu também estava circulando. Então, quando alguns desses novos tratamentos e vacinas apareceram online, ou pelo menos entraram em ensaios clínicos, em meados de fevereiro e março, eu já tinha estabelecido uma relação com algumas pessoas e não dependia de outras notícias para identificar as pessoas.

Uma das coisas que foi especialmente útil em relação aos tratamentos foi que, quando as coisas ainda estavam restritas à China, eu estava acompanhando os registros de ensaios clínicos, para entender o que os pesquisadores na China estavam procurando saber. E houve uma explosão deles em meados de fevereiro. Passou de um ou dois ensaios clínicos para algumas dúzias, em um período de poucas semanas. Esse foi um momento muito desafiador, para tentar analisar o que estava acontecendo. Mas, felizmente, também havia alguns pesquisadores que também estavam de olho nisso. E eu sigo algumas newsletters de pessoas que estavam de olho nessa informação. Então, foi útil entrar cedo na cobertura, quando isso estava acontecendo na China, porque muitos desses ensaios clínicos serviram de base para os que começaram nos EUA.

Se você olhar para a OMS, a Organização Mundial de Saúde, eles rastreiam quantos desses tratamentos, medicamentos e vacinas estão atualmente em desenvolvimento. E você poderia escrever uma história por dia, durante os próximos três meses, sobre tudo o que foi testado. Há tanta coisa acontecendo. Mas não seria um bom uso do meu tempo como repórter, do seu tempo como repórter, ou do tempo dos seus leitores oferecer esse tipo de abordagem não filtrada de tudo o que está acontecendo lá fora. Então eu acho que é importante encontrar vozes que são bem informadas em diferentes áreas. Então, artigos de revisão são realmente um bom lugar para encontrar pessoas. Eles fizeram pesquisas sobre a literatura e têm uma percepção sobre o valor das evidências que existiam, entrando na pandemia. Isso tem sido um recurso útil para mim.

É um momento difícil. Tudo se resume a ter uma base firme sobre o funcionamento do desenvolvimento farmacêutico em geral. Então, quais são os diferentes estágios dos ensaios clínicos? O que significam os tamanhos amostrais? O que representam os diferentes endpoints? Quão forte é essa evidência estatística? Esse é o tipo de coisa que vai permitir que você identifique o que é importante no meio desse barulho. Porque você não quer depender dos releases de imprensa. As empresas sempre vão buscar um aspecto positivo nos dados que elas têm. Mas isso não quer dizer que essa seja a única história que os dados podem contar. Eu acho que é sempre importante, se você não tem esse conhecimento, pelo menos ser amigo de um estatístico ou de alguém para quem você possa enviar um e-mail e perguntar: "o que devo fazer com isso"?

Esses são, realmente, grandes pontos. E isso me leva a outra coisa que eu gostaria de perguntar. Com certeza, todos querem desenvolver vacinas e tratamentos, porque este é um problema terrível que aflige o mundo inteiro e, quem fizer isso, ganhará uma boa reputação. Mas também são empresas. E qualquer uma delas que chegar à linha de chegada primeiro também vai colher

os frutos financeiros. E eu acho que nós já podemos perceber nas matérias sobre alguns dos primeiros tratamentos, por exemplo, que realmente há uma busca por ganhos financeiros. Você poderia falar um pouco sobre como você está resistindo ao entusiasmo inicial em torno de uma descoberta e tendo certeza de que, como repórter, você não está sendo usada por uma empresa para impulsionar a agenda dela?

É uma pergunta muito importante. No início, tive que trabalhar muito para descobrir quem estava trabalhando em algum desses tratamentos e nas primeiras vacinas. Depois, surgiu uma enxurrada de releases. O que é importante para os repórteres é que... As empresas estão buscando usar a cobertura da imprensa, como você disse, para obter um fim financeiro. Então, nós vimos, uma vez atrás da outra, uma empresa dizer: "veja, nós temos um candidato à vacina. Estamos avançando para os ensaios pré-clínicos". As ações das empresas disparavam a cada vez que uma matéria apontava que elas estavam entrando na corrida. O que eu aprendi falando com pessoas que estudam desenvolvimento global de vacinas é que isso é algo que acontece toda vez que surge uma grande e assustadora doença humana. As empresas usam esse medo e esse momento para capitalizar em cima desse contexto e impulsionar o seu valor.

E se você olhar para o que aconteceu com a SARS... Este foi um bom exemplo para mim. Em 2003, mais de 30 empresas apresentaram candidatos a vacinas. E todas viveram algo semelhante, como se isso gerasse um enorme ganho para a sua situação financeira. Mas agora nós sabemos que nenhuma dessas vacinas chegou a ser concretizada. Em parte, isso foi consequência da dinâmica da SARS, que chegou ao fim muito rapidamente, depois de medidas de saúde pública. Mas a lição que eu aprendi ao falar com algumas das pessoas que estudaram a história da SARS foi que vários desses desenvolvedores de vacinas não levavam isso tão a sério, era mais uma oportunidade para tirar vantagem do momento. Isso está sempre rondando minha cabeça, quando eu olho para alguns desses candidatos a vacina [contra o coronavírus].

A outra coisa importante a se lembrar é que 1 vacina só não vai resolver o problema. Vamos precisar de muitas. Então, não é ruim se houver um investimento genuíno - e há dinheiro de verdade irrigando esta corrida para encontrar vacinas seguras e eficazes - porque precisaremos de mais de 1. Se estamos falando sobre ter que vacinar toda a população do planeta, ok, são bilhões de pessoas. Não estou querendo dizer que devemos ser niilistas a este respeito. Mas [estou] sendo cética de que, na realidade, precisamos ter muitos candidatos em desenvolvimento para termos 1 que funcione.

O que tentamos fazer na Wired é focar menos nos resultados de alguns desses testes e mais no processo. Uma das maneiras pelas quais nós somos diferentes de outras publicações é que nós geralmente não noticiamos apenas os principais resultados dos estudos. O que queremos fazer é entender como a ciência está mudando. O processo da ciência está mudando durante esta pandemia, para acelerar o desenvolvimento de alguns desses candidatos a vacinas e tratamentos. E como a mudança desse processo científico afeta a qualidade dos dados que temos para avaliá-lo? Será em um estalo que voltamos à vida normal? Ou nós perceberemos que existem maneiras de inovar nesses processos, que usaremos como uma lição para o futuro?

Essas são as histórias que estamos procurando e, por isso, não noticiamos cada pequena coisa que acontece. Ou seja, este estudo diz que Remdesivir funciona, este estudo diz que Remdesivir não funciona. Tentamos dar um passo atrás e avaliar: bem, qual é a qualidade dos dados neste estudo e neste outro estudo? Por que os dados foram disponibilizados desta forma? Foi por uma razão política? Ou uma manobra financeira? Tentamos oferecer às pessoas esse tipo de contexto, que é necessário para entender o significado desses resultados de alto nível.

Eu realmente gostaria de perguntar sobre política. Porque parece estar claro que, em alguns dos tratamentos que foram promovidos nos últimos meses - mais parece um século - tem havido muita influência política. E talvez isso também tenha ocorrido em outras pandemias, talvez durante o início do HIV, mas nenhuma de nós estava fazendo jornalismo naquela época. Por exemplo, em fevereiro, março, o ministro da saúde da França fez um anúncio no Twitter dizendo que o ibuprofeno não deveria ser usado para tratar as febres da COVID. E causou uma comoção no setor de doenças infecciosas, à medida que alguns países responderam e outros não. E, é claro, há o enorme entusiasmo pela hidroxicloroquina, que se originou na França, mas que foi realmente impulsionada pela Casa Branca americana, a ponto de um importante funcionário de

saúde pública americano possivelmente ter perdido seu emprego porque resistiu à pressão da Casa Branca para promover [o medicamento]. Então, você pode falar um pouco sobre como você está lidando nas suas reportagens com essa influência política? Você está escrevendo sobre isso? Você está atenta a isso quando escreve? Como é que tudo isto funciona?

Sendo uma repórter de ciência, em primeiro lugar, eu acho isso um pouco frustrante, pessoalmente, porque agora isso é algo que nós temos que considerar na nossa cobertura. O que está acontecendo politicamente... E também nas mídias sociais, porque não são apenas presidentes, mas líderes de empresas de tecnologia tuitando coisas que influenciam o que as pessoas buscam no Google, o que as pessoas compram, o comportamento... A maneira como temos pensado sobre isso é que o contexto é importante e precisa ser incluído nas matérias. Mas, pelo menos para mim, é uma parte da história em oposição ao todo. Eu tenho outros colegas que escrevem sobre desinformação, cobriram desinformação na eleição de 2016 e agora estão aplicando isso a toda a desinformação que está surgindo nessa pandemia. Então, eles estão um pouco mais preparados para lidar com isso.

Mas é algo que não podemos ignorar, porque a realidade é que a ciência não acontece no vácuo. Então, se há pesquisadores tentando executar ensaios clínicos randomizados controlado com placebo, a quantidade de pacientes que eles poderiam potencialmente usar no estudo está diminuindo, pois alguns estão pedindo hidroxicloroquina ou conseguindo uma receita com um médico. E isso encolhe o grupo de potenciais pacientes que você pode estudar. Dessa forma, estamos correndo o risco de políticos apresentarem soluções, parecendo que as coisas estão mais sob controle, baseados em evidências limitadas. Com isso, estamos limitando nossa capacidade de encontrar respostas robustas a respeito do que funciona e do que não funciona.

E as pessoas se preocupam que vamos superar o pior desta primeira onda, mas ainda não vamos ter respostas reais sobre o que realmente funciona para ondas secundárias que virão no futuro. E nós precisamos continuar a colocar os holofotes na forma como as manipulações políticas da ciência ou os desejo dos políticos por respostas fáceis - quando na verdade não há respostas fáceis - influenciam a capacidade de fazer uma boa ciência.

Esse é um ótimo ponto, que essa pressão política pode acabar frustrando a ciência. Acho que eu não tinha pensado nisso dessa forma. Então, a última pergunta que eu gostaria de fazer. Mais da metade dos alunos deste curso são de países de baixa e média renda. Em muitos desses países, não há empresas farmacêuticas. Pode haver fábricas farmacêuticas, mas não são países que vão deixar uma marca no tratamento ou na fabricação. O que você tem ouvido sobre planos para garantir que a distribuição de vacinas, em particular, seja feita de forma equitativa, que o sul global seja igualmente beneficiado? É algo que você planeja apurar? Ou você tem alguma ideia sobre o que as pessoas deveriam fazer para tentar cobrir esse aspecto da história?

Sim, eu acho que é algo absolutamente vital... Como temos candidatos a vacinas que estão avançando, temos os primeiros 4 que seguiram para a fase 2 dos ensaios clínicos, esta questão está se tornando muito mais urgente. Eu diria que estamos vendo um verdadeiro racha em relação às estratégias que estão sendo apresentadas. De um lado, temos OMS e Bill Gates, que disseram que precisamos pensar onde a pandemia vai estar no momento em que tivermos um candidato à vacina disponível. E como podemos aumentar a capacidade de fabricação nesses locais, antes mesmo de chegar a hora, para que, quando a vacina estiver disponível, ela possa ir imediatamente para onde havíamos antecipado que a epidemia estaria naquele momento. Ao mesmo tempo, temos ouvido que a Casa Branca tem uma operação chamada, eu acho, Operation Work Speed, que está impulsionando o desenvolvimento de vacinas nos EUA. Não estão olhando para nenhum candidato que não seja desenvolvido nos EUA. Estão apenas visando aumentar a fabricação de doses de vacinas que permanecerão nos EUA e serão direcionadas prioritariamente para os cidadãos norte-americanos.

Então, eu acho que estamos em um momento em que essas decisões vão começar a ser realmente importantes. Você sabe, daqui a quatro meses, porque a indústria leva muito tempo para montar as instalações, para comprar os bens de capital, para construir e equipar esses lugares. Então, as decisões que estão sendo tomadas neste momento sobre onde isso vai ocorrer vão ser absolutamente vitais. Então, eu acho que, neste momento, é uma enorme responsabilidade para os repórteres fazerem essas perguntas. Sempre que falo com uma

empresa que está desenvolvendo uma vacina, as perguntas que faço são: Quantas doses você deve ter até essas datas? Onde está sendo feita a fabricação? Qual é a sua estratégia para trabalhar com governos, quando há doses limitadas, para determinar quem recebe? E qual será o tipo de apresentação dessas vacinas? Porque se for uma vacina que precisa ser refrigerada, isso será menos acessível a países que têm infraestruturas de saúde mais frágeis. Portanto, garantir que esse tipo de pergunta seja tão importante quanto: "isso funciona ou não?" Eu acho que todos os repórteres devem estar pensando sobre isso à medida que avançarmos para a próxima fase.

Um colega meu, Adam Rogers, escreveu uma matéria esta semana sobre todas as estratégias potenciais para administrar um número de doses limitado. E há diversas ideias. Alguns dizem que [a vacina] deve ir para onde a epidemia estiver mais forte no momento em que se tornar disponível. Alguns dizem que deve ir para as populações mais vulneráveis, para permitir que as pessoas que estão trancadas em suas casas por sabe-se lá quanto tempo, pessoas que têm hipertensão ou são mais velhas... Mas também sabemos que algumas vacinas não funcionam tão bem em populações mais velhas. Então você daria principalmente para as pessoas em que [as vacinas] vão funcionar melhor? Nós sabemos que, nos EUA, as populações afro-americanas e latino-americanas estão sendo mais atingidas. Deve haver algum tipo de esforço para que esses grupos recebam vacinas primeiro? Porque eles já tiveram que carregar o fardo desta doença, pelo menos nos EUA. Deve ir para os profissionais de saúde, porque eles são os que têm a maior exposição? Então, há muitas ideias diferentes. E eu acho que será importante continuar a noticiar e pressionar para que as respostas sejam fornecidas. Porque algo que as pessoas não estão compreendendo é que ter uma vacina que funcione é totalmente diferente de ter uma vacina que todos possam ter. Acho que é nisso em que os repórteres deveriam se concentrar.

É um ótimo conselho. Muito obrigada por compartilhar todos esses pensamentos e estratégias. E obrigada por se juntar ao nosso curso.

Muito obrigado pelo convite, Maryn.